

Cadernos Macambira
V. 5, Nº 2, 2020. Página 76 de 448. ISSN 2525-6580
Anais do I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências - I CIEPTER – 21 a 30 de setembro de 2020.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

Grupo de Diálogo 2: Educação Profissional e Tecnológica, Agroecologia, Etnoconhecimentos e Territórios Camponeses

Inventário da realidade: um trabalho pedagógico como princípio educativo para a construção do conhecimento agroecológico

Lílian Souza Conceição Santos, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, lilianscon@hotmail.com;
Rosineide Pereira Mubarack Garcia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, rose.mubarack@ufrb.edu.br.

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica, Agroecologia, Etnoconhecimentos, Territórios Camponeses.

INTRODUÇÃO

O presente relato, vem apresentar a experiência vivenciada na Formação em Agroecologia com a Juventude Camponesa em Amargosa-BA, que utilizou como instrumento de pesquisa o Inventário da realidade. Esta formação, cadastrada na Pró-reitoria de Extensão (Proext/UFRB), ocorreu no período de 23 de outubro a 13 de novembro de 2019, foi desenvolvida com os 34 estudantes de uma turma de 1º ano do Ensino Médio Integral do Colégio Estadual Pedro Calmon, no município de Amargosa. Este Colégio atende estudantes oriundos do campo e da cidade, sendo que essa modalidade de ensino é ofertada apenas na sede do município.

O Inventário da Realidade é um instrumento de pesquisa para levantar e registrar de forma organizada os dados, sejam eles materiais ou imateriais, de uma determinada realidade. Na formação em Agroecologia com a Juventude Camponesa em Amargosa-BA, este foi utilizado com o objetivo de conhecer e estudar junto com este segmento a realidade vivenciada pelos mesmos e a partir desta construir os conhecimentos agroecológicos necessários para intervir nela. A busca por conhecer a realidade na qual esses sujeitos estão inseridos, se deu por meio da pesquisa como princípio educativo, de conhecimento e intervenção da realidade, que para Ribeiro *et. al*. (2017) deveria ser a atividade central na escola que busca a emancipação dos seus sujeitos.

> A pesquisa deveria ser a atividade central na escola emancipadora, pois ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, sendo um processo permanentemente inacabado, como são os seres humanos. Ela acontece a partir de sucessivas aproximações com a realidade e fornece subsídios para uma intervenção no real (RIBEIRO *et. al*., 2017, p. 33).

Esta construção do conhecimento agroecológico com a Juventude Camponesa, buscou a formação de um sujeito crítico e reflexivo diante da sua realidade, capaz de intervir na transformação desta, enquanto se constrói nesse movimento. Desta forma, a realidade foi vista como base da produção do conhecimento:

> Entende-se que a Agroecologia precisa ir além dos seus conteúdos específicos, pois deverá contribuir na construção da identidade dos educandos sem perder de vista o contexto social em que estão inseridos; ou seja, a discussão sobre a Agroecologia requer uma análise das questões ambientais, políticas, sociais e culturais em que a comunidade se insere (RIBEIRO *et. al*., 2017, p.32).

Para Freire (2011), a investigação da realidade é a ferramenta para se ter uma educação dialógica e problematizadora, desvelando um mundo novo com possibilidade de intervenção neste. E esta educação exige uma outra relação professor-estudante, para que aconteça a educação problematizadora, afirmando a dialogicidade como prática, reconhecendo os saberes dos educandos, valorizando suas experiências, motivando-os nesse processo da busca pelo conhecimento onde quem ensina aprende e quem aprende ensina, despertando sua curiosidade, ajudando o estudante no caminhar da construção do conhecimento, estimulando o pensar autêntico.

Assim, a educação construída a partir do pensar do sujeito e da sua autonomia intelectual ela é desveladora do mundo, bem assim, oportuniza a transição da consciência ingênua que não compreende a possibilidade de mudar o mundo para a consciência crítica que enxerga possibilidade de mudança e necessidade de intervir.

> O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (FREIRE, 2011, p.93).

Na educação humanista, os seres humanos atuam de maneira criativa e transformadora sobre o mundo, problematizando a sua realidade para recriá-la, neste sentido, é importante ressaltar que não se trata de qualquer ideia descontextualizada e desconectada com o mundo, mas de pensar e problematizar seu próprio mundo. E assim construir junto com a juventude os saberes agroecológicos que surgem a partir da problematização das realidades vividas por eles em suas comunidades, "porque é sempre necessário partir de onde nos encontramos e da análise das condições objetivas que temos para agir" (CALDART, 2017, p.14).

Freire (2011) também coloca que é a partir de sua realidade concreta e de suas demandas que poderemos organizar a ação política, para o autor, "será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação ou da ação política" (p.119).

Pois bem, ao colocar aos educandos a sua realidade como problema, o desafiar e lhe exigir respostas, não apenas no nível intelectual, mas também no nível da ação, "o que temos de fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação" (FREIRE, 2011, p.120). Para Freire (2011) a ação educativa e política não pode abrir mão do conhecimento crítico da realidade: "A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer "bancária" ou de pregar no deserto" (p.120).

Práticas agroecológicas são muito importantes, mas não podemos abrir mão do debate das tensões e contradições presentes no campo e discutir a materialidade sobre a qual a vida se sustenta e se organiza no campo, buscando um horizonte maior que uma discussão técnica, buscando a superação de um projeto histórico de lógica capitalista e a transformação dos processos de produção do conhecimento, valorizando os saberes dos sujeitos camponeses e a formação de sujeitos auto-organizados para a intervenção e transformação da realidade. "Sem um pensamento crítico e dialético não há como entender e pôr em prática a agroecologia, nem organizar processos efetivos de transformação social" (CALDART, 2017, p.10). Sousa (2017) também afirma a necessidade de um processo crítico e transformador na construção dos conhecimentos agroecológicos.

Nesse processo de construção do conhecimento agroecológico, o inventário da realidade se mostrou como um instrumento bastante promissor para utilização nas escolas do campo e diante disso, o presente relato de experiência tem como objetivo: mostrar que é possível dentro da estrutura curricular das escolas experienciar um trabalho pedagógico fundamentado nos princípios da Educação do Campo e da Agroecologia, calcado na pesquisa como princípio educativo e na dialética como método de compreensão da realidade; e contribuir, a partir dessa experiência vivida, no engajamento de educadores e educadoras do campo na inserção desta importante ferramenta,

como um instrumental para a organização do fazer pedagógico, que faz olhar a realidade em que os estudantes estão inseridos e a partir dela fazer a formação em Agroecologia.

A PRÁXIS DO DESVELAR DA REALIDADE JUNTO COM OS ESTUDANTES

Ainda aqui, é preciso deixar claro que o texto é menor que o processo real que se deu na prática, porém destaco a importância de sistematizar e publicizar essas reflexões para contribuir com todos os companheiros da marcha pela materialização da Agroecologia nas escolas do campo, como bem colocou Caldart (2017):

> Textos e livros sempre são menores do que o movimento real das práticas, da vida acontecendo, das contradições em explosão, mas entendemos que a sistematização e a divulgação de reflexões sobre este movimento importam muito para o avanço da história. E importam especialmente para dar mais segurança aos caminhantes em uma direção cooperativamente construída (p.7).

A realização da Formação em Agroecologia aconteceu durante as aulas da disciplina de Biologia, e esta foi realizada em cinco encontros com a turma. Utilizamos o Inventário da realidade, a partir de uma adaptação do guia metodológico para uso nas escolas do campo, discutido no Seminário Educação em Agroecologia nas Escolas do Campo e desenvolvido por Roseli Caldart com a colaboração de diversos autores. Foram definidas quatro dimensões do inventário a serem trabalhadas: 1- Recursos Naturais: (re)conhecendo a biodiversidade; 2- Pessoas / famílias que compõem a comunidade da escola: características de constituição, aspectos sociais, econômicos e culturais; 3- Produção: sistemas produtivos e uso de tecnologias e 4- Formas de trabalho e sua organização. Foi inserido também no inventário algumas questões iniciais que nos permitiriam uma maior compreensão da comunidade.

E a partir da perspectiva de educação emancipatória e problematizadora, tendo como mediação do processo de ensino-aprendizagem a realidade vivida pela juventude camponesa, e a forma como o campesinato se reproduz social e economicamente nas comunidades inventariadas no campo de Amargosa, iniciamos a aplicação do Inventário da realidade com os jovens em formação. Todas as comunidades representadas na turma foram inventariadas, porém para facilitar o desenvolvimento das atividades em campo os estudantes foram organizados em grupos (Tabela 01). Ressalta-se que os grupos foram definidos a partir da proximidade entre as comunidades do campo e os estudantes da sede foram se organizando a partir de afinidade e de familiares que residem nessas comunidades.

Tabela 01. Organização dos grupos de trabalhos por proximidade das comunidades.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4
Baitinga de Acaju Barra Patioba	Boa Vista Pau ferro Cambaúba	Corta-mão Assa peixe	Itachama

Fonte: Autoras da pesquisa, 2019.

Os resultados coletados pelos estudantes em suas comunidades foram socializados e debatidos na escola com a turma, a partir das dimensões do Inventário da Realidade que apresentamos aqui. Esse momento da formação, permitiu um olhar mais profundo para dentro de seu contexto social e ambiental, a partir de um caráter crítico, dialógico e problematizador das discussões, possibilitando a tomada de decisão coletiva para os próximos passos da formação. Esse movimento possibilita que os principais problemas, aspirações e potencialidades do meio em que o aluno está inserido sejam trazidos para escola, para serem aprofundados cientificamente. Durante as apresentações dos grupos, através das falas foi possível perceber como eles se mobilizaram dentro das comunidades para o levantamento dos dados da realidade, dentro de suas famílias, visitando as famílias de suas comunidades, conversando com os mais velhos da comunidade "os guardiões dos saberes populares" e com os agentes comunitários de saúde das comunidades.

A partir das discussões realizadas com os grupos formados na turma que traziam suas realidades para o centro do debate, as problemáticas identificadas a serem resolvidas foram problematizadas e refletidas a partir da mobilização dos conhecimentos técnico-científicos para contribuírem na resolução dos problemas encontrados nas comunidades. Para Molina (2014), nesse momento a mobilização e a produção de conhecimentos com enfoque agroecológico são centrais para garantir a análise e reflexões que gerem soluções concretas para os problemas identificados.

Tendo como ponto de partida nessa fase, os problemas identificados nas comunidades, os estudantes foram buscar a partir do conhecimento agroecológico, propostas de atuação na comunidade. Nessa fase de proposição e resolução, a articulação entre o docente, educandos, camponeses e instituições que atuam na comunidade é importante na construção do conhecimento e na superação das dificuldades. Para Molina (2014) o desenvolvimento de iniciativas com base nos

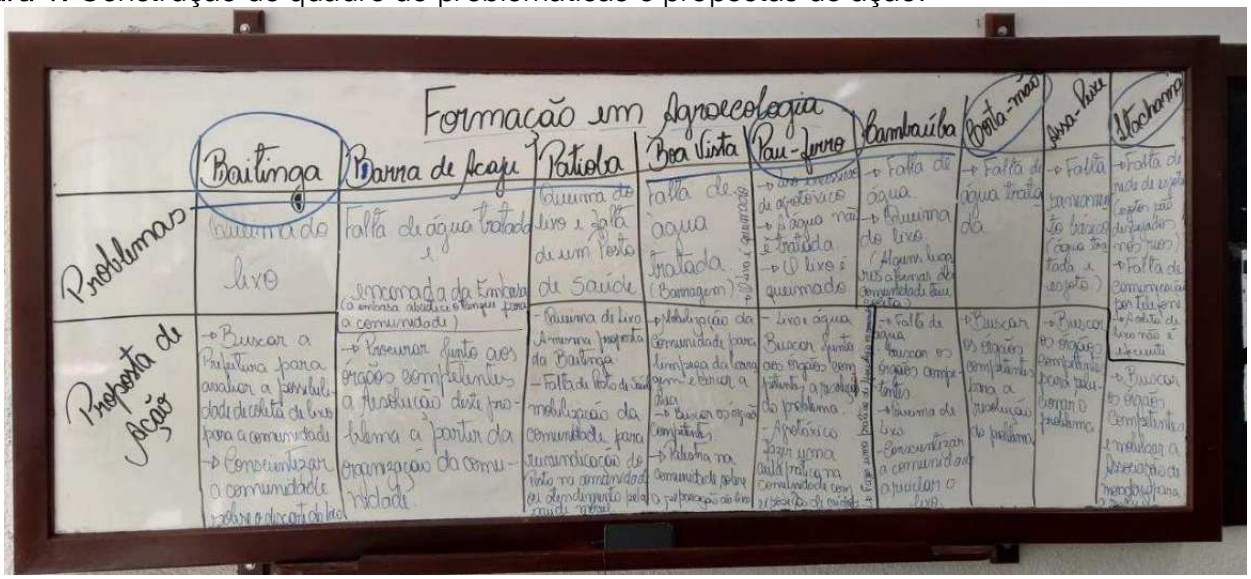
Cadernos Macambira
V. 5, Nº 2, 2020. Página 81 de 448. ISSN 2525-6580
Anais do I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências - I CIEPTER – 21 a 30 de setembro de 2020.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

princípios agroecológicos é importante para o desenvolvimento da comunidade e no fortalecimento das relações dentro da comunidade e com as diversas instituições que atuam nela.

Os grupos de forma geral tiveram dificuldade com o inventário da realidade e de se adaptarem a essa nova proposta de construção do conhecimento. Por isso, gastamos mais tempo do que havíamos programado com o levantamento dos dados para a construção do inventário e organização desses dados. Porém, também foi possível experienciar nesse processo vivido as alegrias a cada passo do aprender, do refletir e de fazer o debate sobre algo que tinha sentido e significado para os estudantes envolvidos, nas falas a alegria e a motivação de retratar o seu lugar de vida, estavam muito presentes. Também para a docente que nesse processo ia conhecendo melhor seus estudantes e a realidade em que estes estavam imersos e entendia a importância de se engajar para contribuir na formação política, humana e emancipadora desses sujeitos. A sensibilidade e a escuta durante a formação se mostraram bastante importantes para a melhor compreensão do processo vivido.

Após a socialização e discussão dos Inventários da Realidade, a partir das quatro dimensões do inventário trabalhadas, criamos um painel com toda a turma das problemáticas levantadas pelos estudantes nas comunidades e possibilidades que os mesmos poderiam elencar para buscar resolver tal problemática (Figura 1).

Figura 1: Construção do quadro de problemáticas e propostas de ação.



Fonte: Autoras da pesquisa, 2019.

No levantamento das problemáticas das comunidades pesquisadas e elaboração das possíveis propostas de ação, cada grupo foi apresentando as suas demandas coletivamente, e foi possível perceber o grupo muito atento e buscando formular resoluções factíveis com a realidade e também que poderiam ser exequíveis por eles enquanto jovens estudantes camponeses em articulações com diversas instituições com atuação no município e possibilidade de parceria para a ação pretendida. Porém para alguns grupos existia indicativo de processos de organização e mobilização da comunidade como primeira condição para resolução dos problemas apontados, e em outros grupos a ação é direcionada para o contato com os órgãos competentes sem indicativo de articulação e mobilização social. Também foram percebidos pelos estudantes os problemas em sua aparência e não na essência, o que indicou a necessidade de aprofundamento destas questões nos próximos encontros.

Organizamos os dados do quadro das problemáticas e propostas de ação nas comunidades com os educandos na tabela 02.

Tabela 02. Quadro dos problemas e propostas de ação das comunidades inventariadas na Formação.

COMUNIDADES	PROBLEMAS	PROPOSTAS DE AÇÃO
BAITINGA	Queima do lixo.	Buscar a Prefeitura para avaliar possibilidade de coleta de lixo para a comunidade; Conscientizar a comunidade sobre descarte do lixo.
BARRA DE ACAJU	Falta de água tratada e encanada da Embasa (a Embasa abastece o tanque para a comunidade).	Procurar junto aos orgãos competentes a resolução deste problema a partir da organização da comunidade
PATIOBA	Queima do lixo e falta de um posto de saúde.	Buscar a Prefeitura para avaliar possibilidade de coleta de lixo para a comunidade; Conscientizar a comunidade sobre descarte do lixo; Mobilização da comunidade para reinvindicação do posto na comunidade ou atendimento pela saude móvel.
BOA VISTA	Falta de água tratada (Barragem) e o lixo é queimado.	Mobilização da comunidade para limpeza da barragem e cercar área; Buscar os orgãos competentes; Palestra na comunidade sobre a separação do lixo.
PAU-FERRO	Uso excessivo de agrotóxico, a água não é tratada e o lixo é queimado.	Lixo e água: Buscar junto aos orgãos competentes a resolução do problema; Agrotóxico: Fazer uma aula prática na comunidade com exposição de videos; Fazer uma prática de agroecologia na comunidade.
CAMBAÚBA	Falta de água e queima do lixo (alguns lugares apenas da comunidade tem coleta).	Falta de água: Buscar os orgãos competentes; Queima do lixo: Conscientizar a comunidade a reciclar.
CORTA MÃO	Falta de água tratada.	Buscar os orgãos competentes para resolução do problema.
ASSA PEIXE	Falta de saneamento básico (Água tratada e esgoto).	Buscar os orgãos competentes para solucionar o problema.
ITACHAMA	Falta de rede de esgoto (Esgotos são despejados nos rios), falta de comunicação por telefone e a coleta de lixo não e eficiente.	Buscar os orgãos competentes e mobilizar a associação de moradores para resolução.

Fonte: Produção das autoras, 2019.

Observando a tabela 02, podemos perceber que a investigação da realidade fez aflorar diversas problemáticas, as "situações-limites" como explica Freire (2011): "No fundo, estas contradições se encontram constituindo 'situações-limites', envolvendo temas e apontando tarefas" (p. 148). E a partir da nossa análise dessas situações-limites, buscando entendê-la e redimensionar a nossa visão sobre ela, afloram os "inéditos viáveis": "É a leitura do mundo [...] que vai possibilitando a decifração cada vez mais crítica das situações-limites, além das quais se acha o inédito viável" (FREIRE, 1992, p. 106).

E é através das possibilidades de transformações futuras "os inéditos viáveis", pensadas a partir das intervenções possíveis que buscamos a transformação da realidade:

> O inédito viável é na realidade uma coisa inédita, ainda não conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um percebido destacado pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade. Assim, quando os seres humanos conscientes querem, refletem e agem para derrubar as situações limites que os e as deixaram a si e a, quase todos e todas limitados a ser menos, o inédito viável não é mais ele mesmo, mas a concretização dele no que ele tinha antes de inviável. Portanto, na realidade são essas barreiras, essas situações-limites que mesmo não impedindo, depois de percebidos-destacados, a alguns e algumas de sonhar o sonho, vêm proibindo à maioria a realização da humanização e a concretização do ser mais (FREIRE, 1992, p. 206).

Assim, a partir de uma educação emancipatória, os sujeitos envolvidos nessa pesquisa conscientes de que podem ser mais, se posicionam diante dessa realidade perversa que se apresenta como dada. E de forma crítica traçam o caminho para construir as condições materiais necessárias para alcançar o inédito viável, os sonhos agora possíveis de uma sociedade com justiça social.

A partir do inventário da realidade, foi possível conhecer as condições e potencialidades que existem nas comunidades inventariadas. Estes jovens nos apresentaram um campo rico em biodiversidade, cultura, histórias, lazer entre outros. Porém também nos revelou a condição de desumanização e de negação de direitos que vivem. Diante dessa situação se deu a construção de um quadro de problemas e propostas de ação junto com a juventude, buscando assim, diante das situações-limites encontradas nas comunidades, efetivar a superação dessas situações, e a partir das propostas de ações pensadas pelos educandos alcançar os inéditos viáveis.

Diante das problemáticas levantadas pelos jovens na formação, percebemos direitos ao acesso a serviços públicos básicos sendo negados a estes jovens e demais membros de suas comunidades, o que nos mostra que o que faz a juventude querer sair do campo é a falta de

condições de reprodução ampliada de vida no campo. O que exige de forma urgente projetos e ações efetivas no campo das políticas públicas, na garantia de condições de reprodução da vida no campo, com acesso aos direitos, dignidade e justiça social.

Na realização desta proposta de formação em Agroecologia tivemos algumas limitações, por conta da chegada do final do ano letivo e o choque dos encontros com atividades e eventos da escola nos quais os estudantes precisavam estar presentes, em comum acordo decidimos suspender a formação no ano de 2019, com a realização de cinco encontros, e dar continuidade no ano letivo de 2020 aos três encontros que faltavam para a conclusão da formação. Com a possibilidade da retomada da formação no ano letivo de 2020, e iniciadas as aulas, com pouco menos de um mês, estas foram suspensas pelo decreto nº 19.586 que determinou a suspensão das aulas por conta da Pandemia do novo Coronavírus, Covid -19, o que impediu a realização dos últimos encontros previstos desta formação. Entretanto, não significa que esses encontros não ocorrerão, pois há um compromisso com a comunidade e com todos os envolvidos que os encontros planejados para esta formação e que foram impedidos de acontecer por conta da Pandemia ocorrerão assim que aconteça o retorno das aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problematização da realidade dos estudantes, utilizou seus espaços de vida como base da produção do seu conhecimento, resgatando e valorizando o seu território enquanto possibilidade de produção de um conhecimento significativo. Dessa forma, o inventário se mostrou como uma importante ferramenta para a formação em Agroecologia e a Educação do Campo, uma vez que pressupõe um enfoque sistêmico a partir da problematização da realidade e a proposição e resolução dos problemas identificados juntamente com a comunidade, produzindo conhecimento para a transformação social e para que atuem e ajam a favor da vida e da justiça social para a construção de um campo mais digno, feliz e com sustentabilidade da vida.

Nesta proposta de formação apresentada, não apenas os jovens foram envolvidos, na medida em que se movimentavam em suas comunidades a partir da pesquisa da sua realidade e promoviam nelas debates dos temas que estavam sendo trabalhados na formação, esta formação atingia também as comunidades envolvidas nesse processo formativo.

Assim, esta formação contribuiu com o processo emancipatório dos sujeitos envolvidos nesse processo de construção do conhecimento agroecológico, quando estes a partir de uma postura crítica e reflexiva fazem a leitura da realidade e produzem um conhecimento para transformação desta. E apresentamos a experiência vivida para motivar os caminhantes da marcha pela Agroecologia para que se engajem na materialização dessa experiência de formação em Agroecologia em suas escolas e desta forma, experiências como esta avancem para outras escolas fortalecendo assim, a construção do projeto de campo da classe trabalhadora no chão da escola.

REFERÊNCIAS

CALDART, R. S. **Caminhos para transformação da escola**: trabalho, agroecologia e estudos nas escolas do campo. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança:** um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido**.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MOLINA, M.C.; SANTOS, C.A; MICHELOTTI, F.; SOUSA, R.P. (Orgs.). **Práticas contra-hegemônicas na formação dos profissionais das Ciências Agrárias:** reflexões sobre Agroecologia e Educação do Campo nos cursos do Pronera. Brasília: MDA, 2014.

Ribeiro, D. et. al. **Agroecologia na Educação Básica:** questões propositivas de conteúdo e metodologia. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

SOUSA, R. P. **Educação em agroecologia**: reflexões sobre a formação contra-hegemônica de camponeses no Brasil. Ciência e Cultura, v. 69, n. 2, p. 28-33, 2017.